CORREIO POLÍTICO

POR **RUDOLFO LAGO**

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM



Valdemar, tudo indica, já está em outra...

O PL poderá deixar Flávio Bolsonaro falando sozinho

Atribui-se ao atacante Claudiomiro, que foi ídolo do Internacional, a frase que entrou para o folclore do futebol. Ao explicar como teria feito um gol, Claudiomiro assim explicou: "Fiz que fui, não fui, acabei fondo". Na sua mirabolante fuga para os Estados Unidos, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), candidato derrotado nas eleições presidenciais, imitou Claudiomiro: fez que foi, não foi, acabou "fondo". Numa tática de despiste, deixou vazar a informação de que já estaria nos Estados Unidos na terça-feira (27). Na verdade, embarcou somente na manhã desta quarta, a partir de Puerto Iguazu, na Argentina. Dos EUA, Flávio Bolsonaro pretende imprimir uma liderança de oposição no estilo da que fez Juan Guaidó na Venezuela: denunciar que o Brasil não é uma democracia, mas uma "ditadura de toga" comandada pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Alexandre de Moraes.

Foco de Valdemar nunca foi a candidatura

Nessa linha, Flávio Bolsonaro dirá que é um "perseguido político". Fica a dúvida: essa estratégia funcionará? O primeiro ponto é que ela precisará, para ser bem sucedida, do apoio do partido de Flávio, o PL. E, como mostrou Tales Faria na sua coluna de terça no Correio da Manhã, o presidente do PL, Valdemar Costa Neto, já estou em outra rota. Na verdade, a candidatura de Flávio nunca foi o foco principal de Valdemar. Sua preocupação sempre foi mais com eleger a maior bancada de deputados.

JOÉDSON ALVES/AGÊNCIA BRASIL



Valdemar não estava ao lado de Flávio no domingo

Só entrou quando Michelle rachou

Nós contamos aqui no Correio Político em julho. Valdemar tinha delegado o comando da campanha de Flávio ao seu coordenador, Rogério Marinho. E iria cuidar somente do seu plano de eleger pelo menos cem deputados para continuar recebendo as maiores fatias dos fundos partidário e eleitoral. Valdemar só voltou para interferir quando Michelle Bolsonaro gravou o seu famoso vídeo acusando seu enteado. Naquele momento, a campanha correu seríssimo risco de rachar completamente.

Voltou da Copa para uma ordem unida

O episódio do vídeo poderia comprometer não apenas a campanha de Flávio mas também a dos parlamentares. Mesmo a de Michelle para o Senado. Na ocasião, Valdemar estava tão alheio que tirava férias nos Estados Unidos, para assistir aos jogos da seleção brasileira na Copa do Mundo. Recebeu o vídeo de Michelle dentro do estádio onde o Brasil jogava contra a Escócia em Miami. Tomou no dia seguinte um avião.

Resolveu, saiu

Quando, de certa forma, Michelle reconciliou-se com Flávio e o problema foi contornado, Valdemar de novo afastou-se da campanha presidencial e foi cuidar de eleger seus mais de cem deputados, para ter fundo eleitoral e partidário. Elegeu 121. Valdemar conquistou seu objetivo, Flávio, não. Ele não estava com Flávio no domingo.

Não estava

Valdemar não estava na casa do advogado Vicente Santini, de onde Flávio Bolsonaro acompanhou a apuração dos votos do segundo turno da eleição presidencial. Ele não aparece nas fotos no momento em que Flávio afirmou que não reconheceria o resultado da eleição e pediria anulação do segundo turno, ideia abandonada depois.

Reconheceu

No dia seguinte, Valdemar reconheceu o resultado das eleições, embora, no seu comunicado, tenha dito que eram necessários esclarecimentos sobre "medidas eleitoreiras". Daí, porém, a endossar a ideia seguinte, de pedir a cassação da chapa Lula/Alckmin, vai uma grande diferença. Valdemar é escaldado com 2022. Escapou por um triz.

Voto Legal

Valdemar contratou o Instituto Voto Legal para fazer o parecer que embasou a ação do PL que contestava as eleições, alegando fraude nas urnas eletrônicas. O presidente do Instituto Voto Legal, Carlos Rocha, o contratado, acabou condenado por tentativa de golpe. Valdemar, o contratante, não. Rocha fugiu do país em dezembro do ano passado.

Trump

A versão Guaidó de Flávio depende também da adesão de Trump. Resta agora saber o quanto o presidente dos EUA embarcará. Trump chega às eleições parlamentares de meio de mandato com uma popularidade de somente 32%. Corre risco real de perder a maioria, especialmente na Câmara que se renova por inteiro.

Quer saber primeiro?

O Correio da Manhã tem o seguinte slogan: "Quer saber primeiro?" Na terça-feira, quem leu o Correio Político soube da ação do presidente do PSD, Gilberto Kassab, de avançar com o voto distrital misto como ideia de atrair o Centrão. Bem, nesta quarta, o presidente da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), disse que pautará o tema.

RICARDO STUCKERT/PR



Alcolumbre e Motta costuram apoio de Lula para permanecerem

Motta e Alcolumbre costuram apoios para seguir

Com adesão de Lula e partidos de centro, presidentes ampliam alianças

Por **Beatriz Matos**

Um dia depois da vitória de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), os presidentes da Câmara, Hugo Motta (Republicanos-PB), e do Senado, Davi Alcolumbre (União-AP), se reuniram com o petista no Palácio da Alvorada para discutir a relação com o Congresso a partir de 2027. O encontro reforçou uma articulação que já vinha sendo construída antes das eleições, a tentativa de manter os dois parlamentares no comando das Casas, com o apoio de partidos de centro e da base governista. Nos bastidores, as negociações envolvem a distribuição de cargos, comissões estratégicas e o espaço que será reservado ao PL, fortalecido nas urnas.

O primeiro movimento veio de uma reunião reservada com o presidente reeleito Lula no Plácio da Alvorada. Segundo apuração do Correio da Manhã, o presidente assegurou apoio da base governista à recondução dos dois parlamentares. O encontro, realizado um dia após o segundo turno, marcou a retomada das negociações com o Congresso, que terá uma composição mais conservadora e uma bancada ampliada do Partido Liberal (PL), legenda do senador Flávio Bolsonaro.

Para o cientista político Gabriel Jubran Miranda, formado pela Universidade de Brasília (UnB) e pós-graduado em Direito Legislativo pelo IDP, a aproximação deve ser compreendida a partir dos interesses políticos de cada legenda. O especialista avalia que o movimento não representa necessariamente uma adesão dos partidos de centro ao governo, mas uma tentativa de preservar influência na nova legislatura.

"Eu vejo esse movimento muito mais como uma estratégia de sobrevivência política e de preservação de poder do que como uma adesão ao governo Lula. O Centrão tem uma característica muito própria: ele costuma se adaptar rapidamente ao resultado das urnas", analisa.

A avaliação ajuda a explicar a rapidez das articulações. União Brasil, PP e Republicanos declararam apoio a Flávio Bolsonaro no segundo turno, mas agora participam das negociações para manter os atuais presidentes do Legislativo. O entendimento é conveniente para ambos os lados, o Planalto busca interlocutores para aprovar suas propostas, enquanto as legendas procuram preservar participação nas decisões e influência sobre o orçamento.